

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTORES—D. Miguel Sotto-Mayor e Dr. Custodio Velloso.—DIRECTOR—Antonio Joaquim (de Mesquita Pimentel).

7.º ANIO	PREÇO DA ASSIGNATURA	
	Braga, 12 mezes.	1\$600
	" 6 "	850
	Correspondencias partic. cada linha	40
	Annuncios cada linha.	20
	Repetição	10

PUBLICA-SE
ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
Provincias, 12 mezes.	2\$000
" 6 "	1\$050
" sendo duas assignaturas	3\$600
Brazil, 12 mezes, moeda forte.	3\$600
Folha avulso	10

N.º 882

BRAGA

QUINTA-FEIRA 9 DE JANEIRO DE 1879

Porque se assustam? De que se arre-
cém?

Apavoros acaso o abysmo que pre-
pararam?

E' obr sua, não tem de que quei-
xar-se.

Semeiam vento, é justo que colham
tempestade.

Ateaste o incendio e receaes agora,
que as sus lavaredas vos queimem?

Tende paciencia.

Nenhua de vós gosará se outrem cho-
rar.

Deviei ter presente esta sentença,
quando invocaveis a liberdade para vos lo-
cupletardes.

Deviei lembrar-vos de que a prospe-
ridade que procuraveis para vossas fami-
lias será ephemera, se a amaldiçoassem
lagrimas alheias.

Porque não quizesstes ouvir a verdade?

Porque cobrieis de insultos os que vos
advertiam?

Feriavos a voz da razão que condem-
nava as vossas injustiças?

Não vos lamenteis agora.

Não vieis a liberdade senão á luz si-
nistrá de vossas paixões.

Cuspeis a blasphemia sobre a religião
do Crucificado para vos dizeres liberaes.

Fazis das vossas impiedades uma fo-
lha de serviços, um titulo de nobresa,
que vo guindavam ás eminencias do po-
der.

Pan que a liberdade não perigasse,
fechasts os templos.

Com as crenças no povo, roubastes o
operari á officina.

E ra com taes elementos que esta-
veis certos da segurança social? loucura,
delirio.

Corompestes a sociedade filtrando no
espírito das classes o veneno da ambi-
ção.

Arrastastes o egoismo em systema,
fizestes da inveja uma theoria, e depois
que vistes a corrente a engrossar, cha-
maes pela força, que vos salve do nau-
fragio.

Arrastastes o egoismo em systema,
fizestes da inveja uma theoria, e depois
que vistes a corrente a engrossar, cha-
maes pela força, que vos salve do nau-
fragio.

Arrastastes o egoismo em systema,
fizestes da inveja uma theoria, e depois
que vistes a corrente a engrossar, cha-
maes pela força, que vos salve do nau-
fragio.

Arrastastes o egoismo em systema,
fizestes da inveja uma theoria, e depois
que vistes a corrente a engrossar, cha-
maes pela força, que vos salve do nau-
fragio.

Arrastastes o egoismo em systema,
fizestes da inveja uma theoria, e depois
que vistes a corrente a engrossar, cha-
maes pela força, que vos salve do nau-
fragio.

Arrastastes o egoismo em systema,
fizestes da inveja uma theoria, e depois
que vistes a corrente a engrossar, cha-
maes pela força, que vos salve do nau-
fragio.

Arrastastes o egoismo em systema,
fizestes da inveja uma theoria, e depois
que vistes a corrente a engrossar, cha-
maes pela força, que vos salve do nau-
fragio.

Arrastastes o egoismo em systema,
fizestes da inveja uma theoria, e depois
que vistes a corrente a engrossar, cha-
maes pela força, que vos salve do nau-
fragio.

Arrastastes o egoismo em systema,
fizestes da inveja uma theoria, e depois
que vistes a corrente a engrossar, cha-
maes pela força, que vos salve do nau-
fragio.

Arrastastes o egoismo em systema,
fizestes da inveja uma theoria, e depois
que vistes a corrente a engrossar, cha-
maes pela força, que vos salve do nau-
fragio.

Arrastastes o egoismo em systema,
fizestes da inveja uma theoria, e depois
que vistes a corrente a engrossar, cha-
maes pela força, que vos salve do nau-
fragio.

Arrastastes o egoismo em systema,
fizestes da inveja uma theoria, e depois
que vistes a corrente a engrossar, cha-
maes pela força, que vos salve do nau-
fragio.

Arrastastes o egoismo em systema,
fizestes da inveja uma theoria, e depois
que vistes a corrente a engrossar, cha-
maes pela força, que vos salve do nau-
fragio.

Arrastastes o egoismo em systema,
fizestes da inveja uma theoria, e depois
que vistes a corrente a engrossar, cha-
maes pela força, que vos salve do nau-
fragio.

Arrastastes o egoismo em systema,
fizestes da inveja uma theoria, e depois
que vistes a corrente a engrossar, cha-
maes pela força, que vos salve do nau-
fragio.

Arrastastes o egoismo em systema,
fizestes da inveja uma theoria, e depois
que vistes a corrente a engrossar, cha-
maes pela força, que vos salve do nau-
fragio.

Arrastastes o egoismo em systema,
fizestes da inveja uma theoria, e depois
que vistes a corrente a engrossar, cha-
maes pela força, que vos salve do nau-
fragio.

Arrastastes o egoismo em systema,
fizestes da inveja uma theoria, e depois
que vistes a corrente a engrossar, cha-
maes pela força, que vos salve do nau-
fragio.

Arrastastes o egoismo em systema,
fizestes da inveja uma theoria, e depois
que vistes a corrente a engrossar, cha-
maes pela força, que vos salve do nau-
fragio.

Arrastastes o egoismo em systema,
fizestes da inveja uma theoria, e depois
que vistes a corrente a engrossar, cha-
maes pela força, que vos salve do nau-
fragio.

Arrastastes o egoismo em systema,
fizestes da inveja uma theoria, e depois
que vistes a corrente a engrossar, cha-
maes pela força, que vos salve do nau-
fragio.

ra tanto, ao menos, para que as classes
por vós corrompidas, não vos apontem
como traidores.

O vosso crime faz hoje a nossa puni-
ção.

Assim devia ser, para que se reali-
sasse a sentença divina.

M. MARINHO.

A' Redacção do «Commercio do
Minho».

Londres, 19 de Dezembro, 1878.

«PARODIA» EM PROSA.

[Continuação]

«RUMORES TEMPESTUOSOS».

IV

«O tempo já findou do rubro inferno,
«Terror da velha crença,

«Que fazia queimar por todo o eterno
«A victima suspensa

«Nos abysmos terrificos, medonhos,
«Que a podre estupidez media em sonhos».

O Inferno vermelho que metia medo
aos velhos, passou; cheirava a Legitimis-
ta esse inferno, metade d'elle, pelo me-
nos; sendo bem sabido, que meio-verme-
lho era o laço legitimo Portuguez.

Logo, fora Inferno vermelho! Venha o
azul e branco. Esse sim; que é inferno
constitucional, é Inferno ás direitas!

Porém sério, sério: jacerá esta
criança que todo o genero humano pen-
sa ou desvaria como ella? A que chama
esta Miséria «velha crença»?... Este gran-
de homem julga que o mundo todo, que
o genero-humano vivente, abandonou a
ideia de recompensas para os maos e pa-
ra os bons em vida futura; nega, pois,
com a immortalidade da alma, bons ou
maos consecratórios, depois d'esta vida! Quer,
portanto, abrir a porta á perpetração
irremorsavel de todo vicio, crime e vi-
lania occulta, ou que o perpetrador ima-
gine que pôde praticar sem ser descoberto
pela justiça, ou mesmo censura hu-
mana!...

E, já se sabe, este phylozopho com z,
pavonea-se, não tenho dúvida, de philan-
tropico, e melhorador da humanidade por
suas descabeçadas patvoices!

Não me recordei onde vi a sentença,
que, «se a crença em Deus, punidor e
remunerador, segundo os méritos, n'uma
vida futura, não existisse, era preciso in-
vental-a para bem da humanidade». Mas
felizmente não precisa fazer-se invenção
semelhante; pois que essa crença, mais
por esta fôrma, ou mais por aquella, se
encontra, entre todos os povos—nem é
bem provado que algum, ainda o mais
embrutecido, exista onde falte a ideia de
um Ente sobre-natural, que pôde fazer
bem ou mal, seja n'uma existencia actual,
ou futura do homem, segundo o me-
reça.

Se o poeta, como parece, é medico
estudante, faz bem d'esconder o seu ver-
dadeiro nome, pois havia de haver muito
quem não quizesse entregar-se á cura de
um facultativo que não teria remorso maior
de mandar, por propria culpa, o seu doen-
te para o cemiterio, do que um alveitar
de errar a cura a um jumento.

Lembra-me bem, que já no meu tem-
po de Coimbra, estudantes de medicina
havia por lá, e até professores, que af-
fectavam não acreditar n'estas pieguices
de futuras penas ou recompensas, em
que a gente christã e religiosa tinha fé.

Alguem, que eu poderia citar, admirava
o culto Protestante—sem duvida só por-
que não era culto catholico; pois a sua
fé cifrava-se na doutrina do *philozopho*
Francez—cuja obra eu tambem li por sua
inculca; mas que a mim nada derogou
de minhas crenças christãs e Catholicas.
Não quero citar o livro (de muitos vo-
lumes) para não excitar o appetite de
lel-o a alguma creança como este nosso
Rumorante Tempestuoso.

Hei conhecido aqui homens scientifi-
cos e médicos de primeira ordem, e ao
mesmo tempo muito religiosos. Um co-
nheço de primeira ordem, e dos mais
acreditados, que se fez Catholico, de Pro-
testante que era, não ha muitos annos.
Logo, não é a grande sciencia medica
que destroe a crença religiosa, ou a fé
christã e Catholica.

Quanto aos «abysmos terrificos, me-
donhos, Que a podre estupidez media em
sonhos», não quero eu medil-os pela bi-
tola da tal estupidez *pôdre*, julgal-os-hei
pela *mui verdadeira e sã* d'este poeta me-
dico.

A. R. SARAIVA.

Idem, 20 de Dezembro, 1878.

Em sua mui longa e muito interes-
sante correspondencia de Roma ao *Ti-
mes* de hoje, começa o Correspondente
dizendo:—

«Roma, 16 de Dezembro.—A votação
na camara dos Deputados no dia 11,
(que derribou o Ministerio Cairoli), «olha-
da só pela superficie, mostra os seguintes
factos:—Que 263 representantes do povo
Italiano, declararam que a Italia não é
propria para as liberdades que goza; que
106 d'este numero, á testa do qual se
acham taes autoridades como Minghetti,
Mari, e Bonghi, sam de parecer que o
salvamento do reino d'Italia só pôde as-
segurar-se por uma fôrma de conducta
politica, que mais ou menos fosse o con-
trario da seguida pelo Governo que elles
acabam de derribar; e que, por outro
lado, só 189 em 457 deputados presen-
tes, sustentam que a estabilidade da dy-
nastia contra os inimigos internos só pô-
de melhor ser assegurada com seguir o
exemplo de outros Governos Liberaes, e
deixar áquelles inimigos continuar aber-
tamente seus procedimentos, antes do que
obrigal-os a trabalhar em segredo, como
sem duvida o fariam n'esta terra de con-
loios, conspirações e sociedades secre-
tas».—Toda a grande carta é n'este estilo
e sentido.

A. R. SARAIVA.

Lisboa, 1 de janeiro de 1879.

(Do nosso correspondente).

A dynastia foi a S. Bento botar dis-
curso.

E' inutil dizer-vos que nos não disse
nada de novo.

O habitual conjuncto de phrases ba-
naes, que o povo ouve com a mais gelida
indifferença.

Ha paz com todo mundo; as finan-
ças vão o melhor possivel; serão propos-
tas leis de immensa proficuidade publica
e millessimas outras causas urgias, que
se foram buscar ao dictionario *liberal*,
para nutrir esperanças, e adormece os pa-
palvos, que ainda creem nas promessas
da gente, que nos vae dominando, em-
quanto o povo se não resolver a desman-
char a obra, que ahi levantou a quadru-
pla alliança.

Ninguem duvida, meu amigo, de que

a nova legislatura será farta de discursos
mais ou menos balofos, mais ou menos
adubados de gallicismos, porque a lin-
guagem vernacula, a que fallavam os nos-
sos paes, é quasi um idioma morto, que
só algum retrogrado comprehende, pronun-
cia, ou escreve.

Mas em compensação, teremos muitas
scenas da ribeira nova, muitos arrótos de
liberdade, e de patriotismo, embora tu-
do acabe por convidarem o paiz com
mais alguns milhares de contos de reis
de impostos, e mais umas tantas leis,
que tradusam, bem jenuinamente, o pru-
rido de fustigar o povo, que effectivamente
actua nos homens, que dirigem a cousa
publica, e ainda nos que aspiram a go-
vernar esta nação mais *liberalmente* do
que os actuaes ministros.

—Falleceu Antonio Joaquim Ribeiro,
legitimista puro, e amigo intimo do fi-
nado conde de Barbacena. Era guarda-li-
vros da companhia de seguros Fidelida-
de, que o conservava, e presava muito
pela sua aptidão, e inexcedivel probidade.

Vão desaparecendo, pois, os homens
antigos servidores da monarchia legitima.

Mais alguns annos, e essas reliquias
da verdadeira fidelidade ao Rei, e á pa-
tria irão augmentar o já incalculavel
renque de fieis, que teem sido inscriptos
no rol dos que se tem finado no campo
do direito.

Occorre-me agora um dicto do poeta,
vendo o numero *fabulos* de legitimistas,
que a morte nos tem ceifado n'estes ul-
timos quarenta e quatro annos de op-
pressão.

Mas os principios, meu amigo, não
morrem.

A verdade prevalece afinal, embora a
opprimam, e pareça proscripta para sem-
pre.

Eu não vejo no que soffremos, senão
a justiça divina punindo indesculpaveis fal-
tas d'outr'ora, e, porque o não direi
ainda? da actualidade, em todos os cam-
pos; em todos, meu amigo.

Com a reforma dos costumes, estou
que a restauração seria obra tão breve,
e tão prodigiosa como foi a de 1640.

Mas, os Thomares são tantos!

—No dia 28 do mez passado fez an-
nos o nosso amigo D. Antonio de Vilhe-
na, um dos fidaigos de mais rija tempe-
ra do campo realista. Não faltou quem
o felicitasse n'aquelle dia, prestando ao
mesmo tempo homenagem áquelle carac-
ter, que não sabe tergiversar no cami-
nho da honra, e do dever.

—Morreu o Patricio Alvares, escrivão, e
presidente dos veteranos da liberdade.
Não faltaram vultos ao enterro. Até o
Ferrão, *liberal* de moderna data, foi se-
mear os seus goivos sobre a campa on-
de agora repousa o corpo do antigo de-
fensor da ideia nova.

Deus lhe tenha perdoado.

—O derrocamento da torre da casa
pia despertou o prurido, n'esta gente, que
nos está conduzindo á maior das ventu-
ras possiveis, de mandar examinar o es-
tado de alguns edificios publicos.

Os dèdlos lhes parecem hospedes.

Teem a consciencia (*agora*) de que
tudo, que teem edificado no solo da
patria, está podre, e querem ver se o espé-
cam.

Pois não espécastes!

Ha-de cair, para que sobre as suas
ruinas se erga fabrica solidamente con-
struida, e verdadeiramente portugueza.

Emquanto não soa a hora propicia,
vamos assistindo aos gosos da dynastia
liberal, que não tem mãos a medir. Os
vexames populares são a monte, ella, po-
rém, diverte-se—*le roi s'amuse*—

Porisso prepara-se para mais um passeio até á fronteira, onde abraçará o seu collega D. Affonso, que vem a Badajoz em breves dias.

Teremos, pois, marchas, e contra-marchas de regimentos, mais uns tantos contos de reis para fóra da algibeira nacional, que, afinal é que paga as favas.

A questão ibérica torna a entreter os animos aqui e alli.

De Madrid escreveram ha poucos dias a uma das folhas francezas dizendo que uma parte da imprensa hespanhola (não a legitimista) voltára a occupar-se da fuzão dos dous reinos peninsulares, n'um só estado.

Os nossos amigos, e vizinhos teem-nos atravessados na garganta. Pretendem fazer-nos hespanhoes, queiramos, ou não queiramos.

E de certo, nenhum portuguez, que viva longe do campo liberal, accetaria de boa mente as venturas, que traria necessariamente ao paiz a união ibérica.

Póde haver quem daseje que o reino passe ao dominio castelhano, e estou que ha; mas nehum dos homens, que accetam, e defendem os principios proclamados nas côrtes de Lamego, de Coimbra, e de Lisboa, deixa de repellir a fatal perda da nossa independencia.

Não assevero, meu amigo, que o liberalismo, geralmente fallando, prefira o jugo castelhano á autonomia deste povo, que nasceu livre, e independente, e quer ser livre, e independente; mas, é força confessal-o, a revolução não tem feito senão aplanar o caminho, que nos ha-de conduzir á extincção de todos os nossos foros de nação.

Desde a gloriosa obra de 1640 até á implantação da dynastia actual, nunca se fallou da união ibérica, nunca se julgou possível a realisação d'ella; foi preciso que á dynastia, e o systema liberal se estabelecesse no paiz, para que dentro, e fóra do paiz se ventillasse uma questão repellente a todo o portuguez genuino.

E' mais um bom serviço, que o povo deve á liberdade.

Coincide com o objecto, com que ultimamente me tenho occupado, a ida á fronteira do sr. D. Luiz.

Não sei se nos lembrais de um celebre lenço, e de um discurso ainda mais celebre de Castellar.

Creio que a proxima partida do chefe do Estado não tem outro fim, senão o d'elle mostrar ao visinho que nutre por elle todo o interesse possível; mas pensarão todos assim?

Basta por hoje.

Todo vosso

A.

BIBLIOGRAPHIA.

O *Direito ao alcance de todos*, ou o *Advogado de si mesmo*—*Diccionario de Direito usual*.

Contendo

As noções practicas do direito e modelos e formulas d'alguns actos sobre materia civil, commercial, administrativa, criminal, ecclesiastica e do processo por Francisco Antonio Veiga—Juiz de Direito de 1ª instancia.

«Todos os cidadãos, vivendo em sociedade, quer nas cidades ou villas, quer nas aldeias ou nos campos, teem necessidades instantes e multiplices inclinações: possuindo bens, que se contacteam, e unindo suas familias, entregam-se uns ás sciencias ou ás artes, outros ao commercio ou á agricultura, e dando largas ao seu espirito inventivo, arriscando-se, concebendo projectos e formando empresas, teem convenções a fazer e documentos de todas as especies a assignar».

São estas as palavras, com que em 1827, Mr. D., advogado da corte real, começou a prefacção d'um *Tratado da Sciencia do direito, para uso da cidade e do campo*; e são ellas também as com que damos hoje começo á apreciação, que vamos fazer ácerca da obra, cujo titulo nos serve de epigraphe.

Ninguem por certo ignora que da falta de sufficiente explicação e necessaria providencia nos contratos, ou dos vicios que illidem a força probatoria dos documentos, é que surgem todos os dias difficuldades a resolver, e pleitos a decidir.

E' sabido que a ignorancia da lei a ninguém aproveita, e que todos interes-

sam, na agitação constante dos interesses sociaes, em ter instrucções que os dilucidem sobre seus direitos e suas convenções, e em ter um guia, que os conduza seguramente em seus contratos e até mesmo em suas demandas: eis no *Direito ao alcance de todos*, escripto em linguagem comezinha, esse guia, que vem preencher uma lacuna sensível, visto que entre nós é evidentiissima a necessidade de uma obra d'esta natureza.

Este livro, devido á penna do bem conhecido escriptor e tão illustrado, como laborioso, o sr. dr. Francisco Antonio Veiga, comprehendendo interessantes noções sobre todas as materias, ou pelo menos as principaes, dos variados ramos da sciencia e da pratica do direito, acompanhadas de modelos e formulas não menos interessantes, é uma obra de incontestavel prolicuidade, e popular.

Ha n'ella synthese, concisão e conjuntamente toda a possível clarezza. Para mais facilmente se poder compulсар, estão as materias, de que trata, expostas em forma de *Diccionario*, o que é de vantagem reconhecida.

As publicações d'esta natureza, que abundam nas nações cultas da Europa, escasseiam entre nós. Os dois livros que temos e que se assemelham, não attingem o fim, a que é destinado o *Diccionario de direito usual*; por quanto um não passa d'um conjunto de mais theorias do que de pratica, tal é o *Diccionario juridico-commercial* de José Ferreira Borges, que todavia é uma obra de muito saber e de todo o merecimento; o outro é o código civil alphabetico, que não é mais do que o simples texto do mesmo código por ordem alphabetica, e em que se revela entretanto o assíduo estudo e improprio trabalho do seu auctor.

A obra, que apreciamos, é theorica e pratica ao mesmo tempo; aconselha e guia a todos, ainda aos mais ignorantes dos conhecimentos de jurisprudencia, quando, na sua vida social, se vejam envolvidos sobre seus direitos e obrigações em geral ou em particular.

O *Direito ao alcance de todos* é dividida em 2 partes. A 1.ª, já publicada, é um volume de 280 paginas, que abrangge até á palavra *Louvados*. A 2.ª sahirá em breve do prelo e verá a luz da publicidade também dentro em pouco.

Esta obra é editada pelo sr. E. Chardon, incansavel e zeloso editor, que tanto se tem desvelado para engrandecer de livros utilissimos o nosso paiz, que muito lhe deve por isso.

O *Advogado de si mesmo* é digno de toda a accetção publica, porque é tão excellente, como utilissimo.

A obra completa custa 2\$000 reis e vende-se em todas as livrarias.

Agradecendo o exemplar, com que nos mimoseou o sr. E. Chardon, cumprimos um dever, traçando as linhas que ahí ficam, que, sem embargo de mal alinhavadas, são contudo a expressão fiel do que sentimos, compulsando o 1.º volume do *Direito ao alcance de todos*.

G. P.

GAZETILHA

Carro tombado.—Um carro que na segunda-feira saia, de noite, d'Amares tomboou, ficando quasi todos os passageiros feridos ou contusos.

Theatro.—Parece incrível!

—O que?—dirá o leitor.

—Isto:—Pretendeu o grande actor

JOSÉ CARLOS DOS SANTOS, o mais notavel ornamento da scena portugueza, dar ha dias no theatro de S. Gerardo uma segunda recita, e não ponde effectual-a por causa de não haver concorrência que sequer desse para custear as despesas feitas com os empregados? Seis dias depois, surge a companhia do barracão das Variedades, do Porto, e obtem TRES ENCHENTES RAES!!!

E não obterá outras tantas, e outras tantas, se não quiser.

E representaram a coisa intitulada «Os Madgyares», e a coisa «Villão fugitivo da cadeia».

E foram applaudidos!

Meditemos.

«**Commercio de Lisboa.**»—Assim se intitula um novo jornal, que começou a publicar-se em Lisboa, no dia 1 do corrente.

Comprimos o novo collega, e desejamos-lhe vida prospera e longa.

Obito.—No sabbado falleceu no Porto o revd.º Antonio Mendes de Carvalho, mestre de ceremonias do cabido d'aquella cidade, e do exc.º bispo D. Americo, e capellão do recolhimento de Nossa Senhora das Dores e S. José das Meninas desamparadas.

Era um sacerdote respeitado pelas suas virtudes.

«**Defensor do Povo.**»—Recebemos o n.º 1 d'este jornal, que começou a ver a luz publica n'esta cidade.

E' litterario e noticioso.

Serenatas.—Na vespera e no dia de Reis andaram pelas ruas da cidade varias serenatas, consoante é costume.

D'entre ellas destacava-se a dirigida pelo sr. João Fajardo, a qual na realidade era atrahente pela sua musica bellissima e primorosamente ensaiada.

Devorado pelos lobos.—Dizem de Vianna que um soldado de infantaria 3 que tinha ido passar as festas do Natal com a familia, fóra devorado pelos lobos na serra da Labruge, quando regressava ao quartel.

Appareceram alguns ossos do desgraçado e um sacco de roupa.

Grammatica italiana.—Recebemos um exemplar da grammatica da lingua italiana, composta para uso dos portuguezes pelo sr. Antonio Vieira Lopes, illustre medico da cidade do Porto. Agradecendo ao auctor a mimosa offerta com que nos considerou, cumpre-nos pedir desculpa de não accusarmos a sua recepção ha mais tempo, o que não fizemos, por querermos lê-la toda, antes de emitir o nosso humilde juizo.

A publicação d'esta obra, que já vae na segunda edição, vem mais uma vez corroborar o conceito em que é tido o sr. Vieira Lopes, d'um incansavel e judicioso cultivador das lettras patrias e apostolo fervoroso do desenvolvimento da instrucção no nosso paiz. A grammatica italiana, cuja 2.ª edição sua exc.ª acaba de editar, achamol-a uma obra, n'este genero, boa, excellente e digna de ser manuseada por aquelles que quizerem aprender esse bello idioma em que Dante, Ariosto, Tasso e Petrarca se immortalisaram, escrevendo as suas admiraveis obras.

Como tudo o mais, a instrucção no nosso paiz está uma verdadeira miseria, e quer-nos parecer que nunca a litteratura portugueza desceu tanto do seu esplendor, nem apresentou symptomas de maior decadencia, do que desde que aqui impera o *salanico* governo do liberalismo.

Mais uma razão porém para felicitarmos o sr. Antonio Vieira Lopes, que, arcando com o gosto corrompido e estragado da actualidade, com a torrente da desmoralisação que campeia soberana em todas as coisas e com a desordem profunda em que se encontra o ensino e a instrucção, emprega as suas horas vagas em trabalhar ao lado dos raros obreiros que presam o esplendor das nossas lettras, e porfiam pela restauração d'um ensino solido, fecundo, e completo, em harmonia com as circumstancias dos tempos.

A grammatica italiana para uso dos portuguezes, juncta a muitas outras produções, de merecimento do mesmo auctor, provão exuberantemente isto que acabamos de dizer.

Fão, como te fão.—Vivia em New-York uma senhora que, por motivos de interesse, havia deixado o catholicismo e passado á seita evangelica.

Como n'aquella cidade se desenvolvesse uma terrivel epidemia, foi ella uma das victimas do fatal contagio, e como os meios não lhe sobrassem, recolheu-se ao hospital.

A enfermidade tornou-se cada dia mais desesperada, e o medico avisou a doente para se preparar para a ultima hora.

Recorreu ella immediatamente ao seu ministro, o qual veio logo á enfermaria, e conservando a distancia de 2 metros, entre elle e a doente, disse-lhe: Filha, a morte aproxima-se, tem muita fé, e serás salva! Para não ter que voltar aqui tenho comigo a *santa ceia*; porém como o teu estado me prohiube approximar-me ao teu leito, e nem isso se torna necessario; cre que isto é a *figura do corpo do Senhor*, e o mesmo é eu levá-lo comigo, que tu recebel-o. E, dizendo isto, guardou um pouco de trigo que tinha na mão, e retirou-se.

A doente achando-se pouco satisfeita com tal preparação para a morte, e lembrando-se do modo como o padre catholico tinha preparado os seus paes, recorreu em seguida ao capellão do hos-

pital, o qual, depois de a ter convenientemente preparado e feito abjurar os seus erros, lhe administrou os santos sacramentos...

Passados mezes a nev-conversa, tendo-se restabelecido, passeava pela cidade, quando viu o ministro protestante conduzindo pelo braço a sua cara metade. Então approximando-se d'elle, disse-lhe em termos respeitosos: talvez v... me não conheça; porém eu sou uma ovelha reconhecida, a quem v... ministrou os ultimos soccorros espirituas no hospital de.... e, em testemunho de gratidão... (e tirou do bolso uma *victoria*).

Quando o ministro ia a estender a mão, disse-lhe aquella: alto, tenha muita fé, e o mesmo é v... receber esta libra, que eu guardal-a novamente na minha algibeira!... O zeloso ministro baixou os olhos e continuou o seu caminho, sem ter que objectar.

Communicado.—Publicando hoje o que nos enviou o sr. Antonio José Cerqueira da Silva Braga, como este cavalleiro appella para o nosso testemunho, devemos dizer que é verdade tudo aquillo para que o invoca, pois veio ao nosso escriptorio declarar quanto hoje declara no seu escripto e até se teria evitado esta pendencia, que agora julgamos finalizará, se a hora em que o mesmo sr. fallou connosco não fosse já tardia para ser sustada a publicação do communicado do sr. Luiz Baptista da Silva.

Louvamos o sr. Cerqueira pelo acto que acaba de praticar, e que é uma prova inequivoca do cavalheirismo e probidade que o caracteriza, e da realidade do conceito em que sempre o tivemos.

O bom pastor, deixa 99 ovelhas, e corre após uma tresmalhada.—Existia na cidade do Porto um individuo que *casou civilmente* com uma senhora ingleza nos Estados-Unidos. Em uma occasião que veio visitar um seu irmão que mora n'esta cidade, este pediu-lhe para que voltasse ao catholicismo, donde havia desertado, e para lhe desfazer todos os preconceitos que tinha contra a religião verdadeira, conseguiu d'elle o ter uma entrevista n'este sentido, com um padre catholico.

D'esta entrevista saíram, elle e a sua miss., inteiramente confundidos; porém attribuindo isto á ignorancia da sua religião, pediram ao padre catholico licença para convidarem o seu ministro a vir argumentar com elle, na presença d'elles, esperando, que aquelle, como muito sabio que era, alcançasse a victoria. Com effeito escreveram ao tal *sugeito*, o qual respondeu laconicamente: tenho muitos affazeres; estou preparando a *santa ceia*.... A ceia, sim a ceia é que lhe dava cuidado!

Abjuração.—O sacerdote Hespanhol D. Manuel Camachoy Sanches, que tinha abraçado o protestantismo, abjurou os seus erros.

Mais uma conspiração.—Descobriu-se em Constantinopla uma grande conspiração contra o Sultão e seus ministros.

Foram presas muitas pessoas.

Naufragios.—A folha official traz os seguintes avisos:

Por communicação do director da alfandega do Funchal consta que, no dia 1 do corrente mez, aportou ao sitio do Porto Moniz um navio francez, «Ville de Fo-ou», conduzindo a seu bordo vinte e cinco pessoas, incluindo o capitão C. Hess, pertencentes á tripulação do navio allemão «Andrea Richmers», do porto de Geestemunde, que se afundou a 200 milhas ao sueste dos Açores, no dia 8 de este mesmo mez; e outrosim que o navio allemão seguia viagem de Bremenhavem para Rangoon, com carga de sal, salvando-se a bagagem dos tripulantes e duas lanchas, e seguindo a mesma tripulação para Liverpool, no vapor inglez «Senegal».

—Por communicação do director da alfandega de Angra do Heroismo consta que no dia 5 do corrente mez, naufragou na bahia d'aquella cidade a escuna ingleza «Unique», capitão Henry G. Guick, salvando-se toda a tripulação e arromatando-se os salvados pela quantia de reis 374\$300.

Explosão.—Um telegramma de Londres refere que o «Standard» publica um telegramma de Constantinopla, annunciando que, na occasião de se proceder a experiencias, rebentou um canhão de 33 toneladas a bordo do navio de torre «Thunders», fundeado em Ismid. Resultaram 40 mortos e feridos. A torre foi destruida.

Macau.—A folha official de Macau insere o que segue:

«Por ordem superior se manda publicar o seguinte:

Lin, vice-rei das duas provincias de Kuangtung e Kuni-si, mandarin de 1.^a classe, presidente honorario do ministerio da guerra, e cavalleiro da ordem de «Patalo».

Ao ill.^{mo} e exc.^{mo} snr. Carlos Eugenio Correia da Silva, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Portugal junto á corte de Peking, e governador geral de Macau e Timor.

O indigno coronel Ly-lang-Tsai da guarnição de Hung-si inventou uma falsidade dizendo que tinha ordens superiores para recrutar gentios para ir a Iunnan (Conchinchina) bater contra os piratas de Ip-Seng-Lam e outros e isto me foi hontem representado pelo mandarin do districto de Ling-xam e bem assim a communicação que recebi do general e brigadeiro das tropas d'essa provincia. Ordenei immediatamente que se officiasse ás autoridades tanto civis como militares de Chamchou que recrutasse gente e fizesse reunir brças militares para guarnecer seus districtos.

Considerando que espingardas, peças e tudo quanto é material de guerra deve ser de grande necessidade para esta occasião e que hão de ser vendidos clandestinamente ao indigno coronel Ly-lang-Tsai, para se usar em Iunnan e que segundo me consta tem elle grande precisão d'esses materiaes, e não deixará por tanto de mandar comprar os por seus agentes nos portos de Hongkong e Macau, convém por isso que immediatamente se tomem providencias para lhe obstar os meios de poder haver taes materiaes.

Além de ter officiado ás delegacias das repartições dos direitos de Liskin e das de cobrança dos direitos imperiaes ordenando-lhes uma rigorosa fiscalisação sobre taes municiões, officiei também ao superintendente das alfandegas de Kuangtung o snr. Hat pelindo-lhe para que officiasse aos outros superintendentes das alfandegas de Sua-t'ao Pac-hai, Hai-kio e outros portos novamente abertos, que egualmente fizessem uma rigorosa fiscalisação sobre municiões de guerra, como polvora, espingardas, etc., e que todos os materiaes que passassem pelas alfandegas fossem registados e sellados e confiscado tudo quanto não estivesse sellado e bem assim preso e remetido á autoridade competente o contrabandista para ser processado.

O que officio agora a v. exc.^a e peço queira v. exc.^a mandar fazer publico por ordem de v. exc.^a prohibindo aos negociantes de Macau a venda de armamentos e polvora a Ly-lang-Tsai e egualmente peço a v. exc.^a se digne coadjuvar-me mandando fazer pelos seus soldados um rigoroso exame sobre a venda d'estes artigos.

Espero que v. exc.^a se dignará responder-me.

E' quanto tenho a officiar a v. exc.^a desejando-lhe prosperidades.

4 da 10.^a lua do 4.^o anno de Huonsu, 29 de outubro de 1878.

Traduzido por mim.—Macau, procuratura dos negocios sinicos, 4 de novembro de 1878.—Eduardo Marques, 2.^o interprete sinologo».

Concursos.—O «Diario» publica aviso de que está aberto concurso para provimento das seguintes egrejas:

Santa Susana (Santa Susana), concelho de Redondo, diocese d'Evora.

S. Miguel de Linceira (S. Miguel), concelho de Montemor-o Velho, diocese de Coimbra.

Aguas Santas (S. Martinho), concelho da Póvoa de Lanhoso, diocese de Braga.

Arlãos (Santo André), concelho de Botica, diocese de Braga.

Bahazar (Salvador), concelho de Guimarães, diocese de Braga.

Barrio (S. Miguel), concelho de Ponte do Lima, diocese de Braga.

Bravães (Salvador), concelho de Ponte da Barca, diocese de Braga.

Briteiros (Santa Leocadia), concelho de Guimarães, diocese de Braga.

Britello (S. Martinho), concelho de Ponte da Barca, diocese de Braga.

Cabana Maior (S. Martinho), concelho de Arcos, diocese de Braga.

Conto (S. Pedro), concelho de Arcos, diocese de Braga.

Cuide de Villa Verde (S. Mamede), concelho de Ponte da Barca, diocese de Braga.

Freixeiro de Soutello (S. Martinho), concelho de Vianna do Castello, diocese de Braga.

Gavieira (Salvador), concelho de Arcos, diocese de Braga.

Linhães (S. Miguel), concelho de Carrazeda, diocese de Braga.

Macieira (Santa Leocadia), concelho de Felgueiras, diocese de Braga.

Monte Negro (S. Julião), concelho de Chaves, diocese de Braga.

Paço (Santa Maria), concelho de Barcellos, diocese de Braga.

Villarinho dos Freires (Nossa Senhora das Neves), concelho de Peso da Regua, diocese de Braga.

Cazevel (S. João Baptista), concelho de Castro Verde, diocese de Beja.

Santa Iria (Santa Iria), concelho de Serpa, diocese de Beja.

Oriollas (Nossa Senhora da Assumpção), concelho de Portel, diocese de Beja.

Outeiro das Oriollas (S. Bartholomeu), concelho de Portel, diocese de Beja.

Sadão (Santa Margarida), concelho de Ferreira, diocese de Beja.

S. Barnabé e Santa Suzana (S. Barnabé e Santa Suzana), concelho de Almodovar, diocese de Beja.

S. Bartholomeu da Serra (S. Bartholomeu), concelho de S. Thiago de Cacem, diocese de Beja.

Nossa Senhora do Rosario), concelho de Almodovar, diocese de Beja.

Santo André (Santo André), concelho de S. Thiago do Cacem, diocese de Beja.

Santa Luzia de Garvão (Santa Luzia), concelho de Beja, diocese de Beja.

Villa Verde de Ficalho (S. Jorge), concelho de Serpa, diocese de Serpa.

Vida do Papa Leão XIII.—A

Fé descreve nos seguintes termos a vida exemplarissima do Summo Pontifice Leão XIII:

«S. S. o Papa Leão XIII madruga muito, levantando-se ás 5 horas e meia,

tanto no inverno como no verão, e depois diz missa. A's 7 da manhã toma uma refeição frugal, e em seguida, durante os

mezes do verão e primavera, passeia no jardim por espaço de meia hora, e no

inverno passeia na galeria de Raphael. A's 8 recolhe á secretaria de Estado e

despacha os negocios pendentes com os governos estrangeiros. Pelo meio dia dá

audiencia aos cardeaes, prefeitos das congregações ecclesiasticas, e mais tarde recebe as diversas pessoas, já de Roma,

já de fóra de Roma, que querem visitar o Papa, ouvir a sua voz e receber a sua

benção. A's 2 horas proximaemente é-lhe servido o seu parco jantar, no que não

gasta mais de tres quartos de hora. Faz-lhe companhia á meza seu irmão ha

pouco tempo sub-prefeito da bibliotheca do Vaticano.

Depois de terminado o jantar, descança alguns minutos, e acto continuo começa a trabalhar com os seus secretarios

particulares e com o prelado Pecci em dar expediente á sua correspondencia

particular, operação em que emprega de 2 a 3 horas, depois do que dá o passeio do

costume, acompanhado pelos monsenhores da intimidade, no jardim, nos museus ou

na bibliotheca, segundo o tempo. O passeio termina com o toque das Ave-

Marias.

Voltando aos seus aposentos, permanece durante uma hora com o caudatario, com o qual faz as suas rezas, e em seguida

torna a receber os seus subalternos. A's 10 auctorisa os prelados a retirarem-se e

vae deitar-se, seguido pelo seu primeiro camarista».

Exposição agricola.—Diz um correspondente d'esta cidade que a ex.^{ma}

camara projecta realisar a abertura de uma exposição agricola e industrial por

ocasião da inauguração da estatua de D. Pedro V.

Pedras d'ara.—S. exc.^a rev.^{ma} o

snr. arcebispo Primaz sagrou na sexta-feira, na capella do Paço, 53 pedras d'ara.

Horrores no Ceará.—Continua a

ser o mais horroroso o estado sanitario na desgraçada provincia do Ceará. A

varíola causou nos primeiros 11 dias do mez passado, só na capital, 17.391 victimas!

No mez anterior morreram n'aquella cidade 11.075 pessoas, das quaes 9.844 foram

victimas d'esse terrivel flagello. A «Constituição», jornal da localidade, escreve:—«O numero dos varicelosos que

em sido enterrados na Lagoa Funda, no espaço de nove dias, é de 6.075, não se

faltando nos que são sepultados no areal do Mucuripe, Mirelles, Cocó, Tanape e

nos que são atirados ao mar. Póde-se dizer, sem receio de errar, que morrem

por dia, n'esta capital e seus arrabaldes, mais de novecentas pessoas. Acaba-se a população! A fome e a sécca continuavam também a matyrisar a infeliz provincia».

Estampilhas usadas.—E' muito

util guardar estas estampilhas e entregalas aos agentes da piedosa instituição, conhecida pelo nome de *Santa Infancia*,

que se occupa em obter e educar na China as creanças de que seus paes se

desfazem como nós nos desfazemos da ninhada de gatos que não queremos

deixar criar. Por um cento de estampilhas compram os missionarios uma criança que se torna um membro da Igreja e um

cidadão util ao seu paiz. Os chins, esses decantados habitantes do celeste imperio,

que nos alcaunham a nós de barbaros, dão um filho por um cento d'esses trapinhos;

e sabem a que os destinam? A forrarem as paredes dos seus quartos e salas,

formando com elles arabescos e os mais complicados debuxos, unidos com tal arte

que não se lhe conhecem as juntas!

Vejamos até onde póde chegar a perversão das mais triviaes noções do sentimento humano! E ha ainda quem mofe

da sublime missão a que se dedicou a *Obra da Santa Infancia*!

E' isso filho da ignorancia; ou então é da maldade, e os que assim procedem

não valem mais do que os taes chins.

Honra, auxilio e louvor á civilisadora *Obra da Santa Infancia*.

O socialismo.—Em um jornal de Madrid acabamos de ler um artigo sob

o titulo de *O socialismo em Portugal*, que muito quizeramos traduzir para as

colunas da nossa Revista. Falta-nos, porém, espaço para tanto, que não, por certo,

a boa vontade. Eis alguns trechos que traduzimos aqui e alli, onde mais se

fixou a nossa attenção.

«Na hora presente o estado sanitario de Portugal é assaz triste; o sangue que

por suas veias circula está infeccionado de socialismo, e só falta que um

sucesso politico abra uma ferida em seu corpo, para que alli affluam os maus humores e

se desenvolva a gangrena.

«O agente d'estes males, alli como em toda a Europa, é a indifferença religiosa

que se propaga espantosamente. As sementes da impiedade, lançadas n'este

paiz pelo tristemente famoso marquez de Pombal, não deixaram de dar seus

fructos desde que as ruas de Lisboa foram regadas com o sangue innocente do

padre Malagrida. Os portuguezes que até então sabiam orar e trabalhar, aprenderam

depois o caminho das riquezas usurpadas, e dos attentados cobardes e ruins,

contra a justiça de Deus e os direitos dos homens que d'ella se derivam. A partir

d'esta epoca, a corrupção em Portugal tem sido constante e profunda; a abjecção

mais vergonhosa se apoderou de todas as classes sociaes, fazendo que todas

degenerassem.

«O marquez de Pombal fez o que fazem todos os ministros que se elevam

de repente: introduziu em Portugal as

galias e artificios do progresso material, para cobrir de flores artificiaes o

abyssmo aberto por suas mãos. Portugal, deslumbrado, alucinado por estas

provas de prosperidade material, caiu facilmente na rede de seu caçador, e

hoje a sua memoria é lembrada com gratidão pelos portuguezes.

«Pombal é o Cavour de nossos visinhos, e assim como a memoria do

ministro piemontez, conservada em estatuas e lapides nas praças publicas

de Italia, é uma propaganda constante d'impiedade, e um hymno á

usurpação dos mais sacratissimos direitos, o nome de Pombal, honrado

pelos portuguezes, é, da mesma fórma, o agente natural do socialismo,

um protesto vivo contra a religião e contra a sociedade.

«Repetindo o que dissemos ao principio, diremos: no dia em que estale

a bomba socialista em Hespanha ou Portugal, o incendio será geral em

toda a Peninsula, porque as ramificações do combustivel se communicam

em ambos os paizes, prestando-se mutuo apoio contra a persistencia dos

governos, e, mais ainda, contra a acção salvadora das instituições

catholicas».—(«Progresso Catholico»).

Desastre.—Por motivo dos chuvis

ros que teem cahido em Villaverde de

Tineo, reino visinho, destacou-se ha dias

um pedaço de montanha, cahindo sobre

umas pedreiras em que trabalhavam alguns

operarios, nove dos quaes morreram,

ficando os restantes 14 gravemente feridos.

Portuguezes fallecidos.—No Rio

de Janeiro, falleceram desde o dia 13 até

17 de dezembro, os seguintes subditos portuguezes:

Maria Jacintha, 70 annos, viuva; Francisco da Rocha, 23 s; Quintino Ignacio

Pimentel, 29 c; Joaquim José Luiz de Oliveira, 64 c; Antonio Luiz Fernandes,

52 s; Antonio Jacintho Ferreira da Silva, 73 s; Antonio Coelho da Silva, 39 s; Antonio

Pires de Albuquerque Jordão, 27 s; Joaquim Novaes, 22 s; Constança Florinda

de Araujo, 33 c; Catharina Maria Florinda, 43 s; Julião dos Santos, 34 s;

João Joaquim Vieira de Andrade, 18 a; Antonio Vieira dos Santos, 59 s; João

Severo de Garvalho, 52 a; Sebastião dos Santos Monteiro, 33 s; Casimiro Machado,

18 a; Antonio José Valladares, 17 a.

Naufragio.—Em Bermeo, na Hespanha, naufragou uma lancha de pescadores. Pereceram os doze homens que a tripulavam.

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

No 8.^o volume (fasciculo 131) do «Portugal antigo e moderno» paginas 150, columna 1.^a, linha ultima da nota, por erro de caixa, ha um anachronismo de 630 annos!

A paginas 163, col. 1.^a, linhas 25 e 27, ha também dous erros de datas.

O auctor roga aos exc.^{mos} snrs. assignantes o obsequio de emendarem as datas.

A pag. 150, em vez de 1709, põrem 1079—a pag. 163, linha 25, em vez de 1828, põrem 1816 —e na linha 27, em vez de 1831, põrem, 1851.

SECÇÃO DE COMUNICADOS

Snr. redactor.

Tendo o snr. Luiz Baptista da Silva protestado no n.^o proximo passado do «Commercio do Minho» contra a parte d'um escripto meu que julgou allusiva á memoria de seu fallecido pae, um dos nove irmãos, cognominados barrosões, cumpre-me declarar solemne e terminantemente, perante o publico, ao snr. Luiz Baptista da Silva, que não fóra, de fórma alguma, da minha intenção, envolver seu fallecido pae em alguma expressão injuriosa para a sua memoria, pela razão de que estou intimamente convencido de que seu pae fóra, na verdade, um cidadão honrado, prestante e dignissimo da estima e consideração que lhe tributavam todos os homens de bem do seu tempo.

Depois d'isto, snr. redactor, cumpre-me ainda declarar que, tendo-me reconhecido a este respeito logo depois da publicação do meu escripto, mantive desde logo o mais firme proposito de vir á imprensa fazer esta mesma declaração, que agora faço, e que, se o não executei com aquella promptidão com que devia e o caso reclamava, foi simplesmente por as muitas occupações e cuidados em que tenho andado envolvido me não terem dado descanso para o fazer. E para prova do meu asserto, appello, snr. redactor, para o seu proprio testemunho.

Termino, accrescentando que, além do pezo e da consideração que para mim tem o snr. Luiz Baptista, possuo os dados seguros para dar, como na verdade dou, inteiro credito a tudo quanto o snr. Luiz Baptista da Silva affirma sobre a honradez e probidade de seu pae.

Confiando em que agora o snr. Luiz Baptista se dará por satisfeito com esta minha declaração, resta-me agradecer-lhe a publicação d'estas linhas no seu acreditado jornal, e subscrever-me

De v. etc.

Braga, 8 de janeiro de 1879.

Antonio José Cerqueira da Silva Braga. (2199)

TELEGRAMMAS.

Calcuttá 4.—Diz um relatorio que os chefes afghans reunidos em Caboul no dia 10 de dezembro resolveram pedir a protecção da Russia. N'esse mesmo dia foi posto em liberdade Yakoub-khan, filho do emir. Este saiu de Caboul em 13 de dezembro.

O general Roberts avança pela provincia de Khost.

Uma carta afghan diz que o emir foi para S. Petersburgo.

Paris 4—Dizem de Constantinopla que a Porta aconselhou o governo de Tunis a ceder ás reclamações da França.

O resultado das eleições na Dinamarca foi favoravel ao governo.

O tribunal de Perpignan condemnou hoje o redactor principal da «République de Perpignan», por um artigo injurioso contra o rei de Hespanha a tres mezes de prisão e 2:000 francos de multa. O gerente do periodico foi condemnado a um mez de prisão e 200 francos de multa.

AGRADECIMENTOS

Os abaixo assignados tendo procurado agradecer a todos os ill.^{mos} e exc.^{mos} snrs. e snr.^{as} que se dignaram comprimental-os por occasião do fallecimento de sua pre-sada mãe D. Angelica Theresa da Costa, e que assistiram aos officios de corpo presente, na egreja de S. Martinho de Travassos no dia 24 de dezembro proximo passado.

E bem assim agradecem tambem a todos que assistiram á missa do setimo dia que se celebrou na capella de Nossa Senhora a Branca, d'esta cidade. Mas podendo ter-se dado qualquer falta involuntaria agrade- decem por este meio significando a todos o seu eterno reconhecimento e indelevel gratidão.

Braga 3 de janeiro de 1879.

Fulgencio José da Costa Guimarães.
Antonio Joaquim da Costa Guimarães.
João José Lopes da Costa.
Anna Maria da Costa.
Laurinda Roza da Costa. (2193)

ANNUNCIOS

ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL

A comissão eleita, em assembleia geral do dia 10 de dezembro ultimo, para conhecer das irregularidades praticadas pelo escrivão de fazenda d'este concelho, nomeou para seu presidente o snr. Domingos José Soares, e deliberou, que as suas sessões fossem ás segundas, quartas e sextas-feiras de cada semana, pelas 5 1/2 horas da tarde, na casa da associação.

São pois convidados todos os interessados a irem alli apresentar, até ao dia 22 do corrente, quaesquer documentos que possam auxiliar a comissão, na resolução de serviço tão importante e melindroso.

Braga, 2 de janeiro de 1879.

O secretario,

(2191) José Ferreira de Magalhães.

A direcção do theatro de S. Geraldo, faz publico que tendo resolvido pôr em arrematação o mesmo theatro para os bailes do proximo carnaval d'esde o dia 16 de fevereiro proximo futuro inclusivè até ao dia 25 do dicto mez, convida pois as pessoas a quem convier esta arrematação, a comparecerem na secretaria do referido theatro pelas 12 horas do dia 12 do corrente onde estarão patentes as condições d'esta praça.

Braga e secretaria do theatro de S. Geraldo, 5 de janeiro de 1879.

Os directores

Visconde de Pindella
Antonio Santos d'Azevedo Magalhães
Francisco d'Araujo. (2196)

ATTENÇÃO

O contraste da prata, rua do Souto, n.º 4, compra ouro ou prata em objectos uzados, ou em moeda antiga, assim como em barra, em pequenas ou grandes porções. (2195)

FOLHINHA DO RITO BRACARENSE

Já se acha á venda na typographia Lusitana, rua Nova n.º 4—Preço com officio de S. Francisco de Salles—220 reis.

ARREMATACÃO PERANTE O MINISTERIO DA FAZENDA

No dia 15 de Janeiro de 1879 ao meio dia

LISTA N.º 1961

DISTRICTO DE BRAGA

CONCELHO DE GUIMARÃES

Fóros e pensões pertencentes á irmandade do Cordão e Chagas, erecta na egreja de S. Damazo, freguezia de S. Sebastião

Numeros

1 Fóro annual de 97,09 de trigo, 527,286 de meado, 2 gallinhas, 29,376 de marrã, 232,32 de vinho cozido, imposto no casal de Regilde, sito na freguezia de Santa Comba de Regilde. com laudemio de quarentena. — Emphyteuta, José Lopes Pereira Coelho

Avaliações

532\$622

2.ª FORMA

Reforma da lista n.º 1:910

DISTRICTO DE BRAGA

CONCELHO DE GUIMARÃES

Fóro pertencente á Santa Casa da Misericordia da cidade de Guimarães

Numeros

5 Fóro annual de 601,958 de milho alvo, 92,235 de trigo, 38,836 de castanha verde, 325,248 de vinho molle e duas gallinhas, com laudemio de quarentena. imposto no casal de Tive, situado na freguezia de S. Martinho de Fareja. — Emphyteuta, Quiteria Joaquina—533\$148 reis

Avaliações

com abatimento

de 10 por cento

479\$834

Segunda Repartição da Direcção Geral dos Proprios Nacionaes, 10 de dezembro de 1878.—Marcelino Augusto Leite.

101:250\$000 reis

67:500\$000 »

33:750\$000 »

22:500\$000 »

13:500\$000 »

e outros grandes premios principaes sairão nas GRANDES

LOTERIAS DE DINHEIRO

e varios lotes

Garantidos pelo Estado. A empresa recommenda-se especialmente pelas vantagens que offerece, porque mais de metade dos bilhetes obterá premios nas diversas extracções.

A proxima extracção effectuar-se-ha

A 16 e 17 de janeiro de 1879

segundo o plano official. —Offerece esta loteria probabilidades extraordinarias aos interessados, porque dos 87:000 bilhetes, 45:000 tem premios que se elevam a

2.007:000\$000 REIS

O premio mais pequeno excede muito o preço de um bilhete.

Os preços dos bilhetes originaes para a primeira e segunda extracção serão como se segue:

Por	um quarto de bilhete original	1\$800 reis
»	» meio »	3\$600 »
»	» inteiro »	7\$200 »

A quem remetter a importancia em notas do banco, coupons, ou sellos, enviarei bilhetes originaes com a promptidão bem conhecida da minha casa. Os planos officiaes juntar-se-hão tambem a cada ordem. As listas officiaes e o pagamento dos premios effectuar-se-hão immediatamente depois de cada tiragem. Pede-se que se evite o intermedio de agentes e que se dirijam directamente e sem demora á casa principal e central auctorizada pelo Estado, de

THEODOR SCHELLER

BRUNSVICH (ALLEMANHA)

(2197)

Gran éxito en Paris

VELOUTINE CH^{les} FAY

POLVO DE ARROZ ESPECIAL PREPARADO CON BISMUTO
INVISIBLE Y ADHERENTE, dá al cutis frescura y transparencia.
INVENTOR CHARLES FAY, 9, RUE DE LA PAIX, PARIS
Se vende en las Farmacias, Perfumerias, Peluqueras y tiendas de quincalla.
Desconfiar de las falsificaciones.

L'ELEGANCE PARISIENNE

PERIODICO O MAIS ELEGANTE E MAIOR DE TODOS OS DE MODA

1.ª Edição—Dois numeros por mez: 2.ª Edição—Cincoenta e dous numeros gravados, aguadas e moldes. —Um anno, 5\$200 reis—seis mezes, 2\$900 reis. —Um anno, 11\$300 reis—seis mezes, 5\$700 reis.

NOTA—Edição especial para costureiras: 96 figurinos e numerosos moldes cortados de tamanho natural. —Um anno, 11\$300 reis
A administração do Commercio do Minho recebe as assignaturas.

ATTENÇÃO

Quem ha mais de um anno, e na estrada publica da Povoia para Braga, perdesse um objecto de ouro, que n'essa occasião, foi annuciado por escriptos affixados em logares publicos, dirija-se agora á freguezia de Lambso, e á residencia do revd.º parcho, que o entregará dando-lhe signaes certos, e pagando o importe d'este annuncio (2198)

Pede-se a quem achisse uma gatinha branca e preta, com o rabo cortado, que falta desde o dia 21 de dezembro passado, o favor de a mandar entregar na rua de D. Pedro V, cas n.º 68, ou avisarem para a virem reconhecer; sendo a mesma, paga-se toda a despeza que ella tenha feito, e recebeão alviçaras. (2184)

NOVA PHARMACIA

JOÃO BRAGA

Pharmaceutico pela Escola Medico-Cirurgica do Porto

Participa ao respeitave publico e aos seus amigos que abriu a sua pharmacia no largo e esquina de Santa Cruz, havendo n'esta pharmacia um sortido regular de todos os medicamentos chimicos e pharmaceuticos, nacionaes e estrangeiros, que os exm.ºs medcos costumam receitar, e de tudo o que ha de mais pedido até esta data.

N'esta pharmacia haverão maior aceio, escrupulo e promptidão, avindo qualquer medicamento a toda a hora da noite.

Braga 1 de janeiro de 1879.

(2188)

João Braga.

PIANO DE ESTUDO



Vende-se um de 5 oitavas e 1/2 barato e de bom som, na rua de S. Vicente n.º 65 se diz. (2192)

BANCO DO MINHO

Por ordem do exc.^{mo} snr. presidente são convidados os snrs. accionistas d'este Banco a reunirem-se em sessão d'assembleia geral ordinaria no dia 15 do proximo mez de janeiro, pelas 1 horas da manhã, na casa propria d'esto estabelecimento para os fins determinados no artigo 27 do estatuto, e 6.º do seu regulamento.

Braga 31 de dezembro de 1878

O secretario da Mesa

(2190)

José Alves de Moura.

DINHEIRO A JURO

Ha na confraria de Santa Luzia da Sé 700\$000 reis e na capella de S. Pedro de Ratis 275\$000 para dar a juro de 5 %.

O secretario

(2180)

Padre Antonio Lopes Coelho.

CONTRA A TOSSE

O Progressivo consummo, que diariamente vão obtendo os reboçados peitoraes balsamicos, é a mais evidente prova da sua efficacia. Preço:—caixa, 100 reis—pelo correio, 140.

Deposito principal, Pharmacia-Ricca—rua do Bomjardim, 370, a Cancellaria Velha—Porto. (2166)

COSINHEIRO

No Collegio dos Orphãos precisa-se de um cosinheiro e de um ajudante de cosinha. Quem pretender, falle no mesmo Collegio. (2124)

ALUGAM-SE as casas n.º 21, no Campo Novo do Reduto, nobres e com muitos commodos. Trata-se na casa immediata n.º 22. (981)

RESPONSÁVEL—Luiz Baptista da Silva.

BRAGA, TYPOGRAPHIA LUSITANA—1879.